

## A AULA DE CAMPO COMO UM RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

*Data de aceite: 02/05/2024*

**Maria José Guedes Pontes**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**RESUMO:** A aula de campo é uma das práticas metodológicas utilizadas pelos professores, especialmente no ensino de Geografia, por possibilitar a compreensão do espaço geográfico através do contato direto do aluno com o meio, atuando como um fio condutor no processo de ensino/aprendizagem. Sendo que esse recurso didático deve ser aplicado de modo a proporcionar aos alunos uma análise das relações de todos os fenômenos da espacialidade. Nesse contexto, objetiva-se, no presente trabalho, apresentar a importância da aula de campo no ensino da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, enfatizando que a aula de campo como instrumento didático deve ser adotada pelos professores, mas também salientando que não deve ser feito o uso só da mesma. Os procedimentos metodológicos adotados pautaram-se na revisão bibliográfica de alguns autores que tratam a respeito do tema. Os resultados obtidos demonstram que a aula de campo é um instrumento didático/pedagógico

essencial no ensino da ciência geográfica, pois é uma das formas de dinamização da abordagem dos conteúdos e inovação do ensino, fazendo com que o mesmo não seja desenvolvido apenas de forma tradicional, vindo assim a consolidar uma maior significância das temáticas trabalhadas na sala de aula, uma melhor compreensão por parte dos estudantes entre a relação teórico/prática. Contribuindo para formação de uma geração investigadora que saiba observar, identificar, reconhecer, localizar, perceber, compreender e analisar o espaço em seu todo, para compreender suas particularidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** aula de campo; recurso didático; ensino/aprendizagem.

**ABSTRACT:** The field lesson is one of the methodological practices used by teachers, especially in the teaching of Geography, as it enables an understanding of geographical space through the student's direct contact with the environment, acting as a guiding thread in the teaching/learning process. This didactic resource should be applied in such a way as to provide students with an analysis of the relationships between all the phenomena of spatiality. In this context, the aim of this paper is to present the importance

of the field lesson in the teaching of Geography in the early years of elementary school, emphasizing that the field lesson as a didactic tool should be adopted by teachers, but also stressing that it should not be used alone. The methodological procedures adopted were based on a bibliographical review of some authors who deal with the subject. The results obtained show that the field lesson is an essential didactic/pedagogical instrument in the teaching of geographical science, as it is one of the ways of streamlining the approach to content and innovating teaching, so that it is not only developed in a traditional way, thus consolidating a greater significance of the themes worked on in the classroom, a better understanding on the part of the students between the theoretical/practical relationship. Contributing to the formation of an investigative generation that knows how to observe, identify, recognize, locate, perceive, understand and analyze space as a whole, in order to understand its particularities.

**KEYWORDS:** field lesson; didactic resource; teaching/learning.

## INTRODUÇÃO

Diversas limitações afetam o sistema educacional brasileiro, e, diante disso, cada vez mais se torna perceptível a procura por uma abordagem metodológica mais significativa no processo de ensino/aprendizagem. Dentro desse contexto, encontra-se o ensino da geografia, que também é atingido por esse problema, uma vez que tal ciência não pode ser vista como descritiva e estática, mas sim, dinâmica, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de inovar a cada dia o seu conhecimento.

Diante dessa situação, Oliveira; Silva (2018) enfatizam a importância de compreender e analisar a didática no ensino da Geografia, elucidando a necessidade de novas práticas e métodos que se adequem ao cotidiano dos alunos, de aulas que busquem problematizar os conteúdos e guiem os educandos para averiguar sua realidade.

Sendo assim, a aula de campo é uma importante atividade de apoio ao ensino dessa ciência. Instituído uma ótima ponte entre a fundamentação teórica dos conteúdos trabalhados em sala, ligando-os a uma base prática através do cotidiano dos alunos, por intermédio de um mediador, que é o professor. Onde, segundo Libâneo, “a didática se caracteriza como meditação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente” (LIBÂNEO, 1994, p. 28).

Porém, a aula de campo ainda não vem sendo muito explorada nas aulas de Geografia, uma vez que muitos professores ainda associam a ideia de que a educação se resume aos muros escolares, baseado em um ensino tradicionalista, mesmo diante das diversas tentativas de avanços e inovações metodológicas educacionais. Desse modo, se faz necessário destacar a grande importância da aula de campo como uma forma de renovação do ensino, especialmente por propiciar um olhar direcionado sobre o espaço vivenciado.

Valendo ressaltar que a aula de campo não deve ser vista como o único recurso didático, não significa que seja a solução para as barreiras existentes na educação, mas,

sim, uma das ferramentas essenciais no ensino, pois é notável como a aula de campo pode ser consideravelmente enriquecedora na aprendizagem, quando realizada de forma dinâmica e diferenciada, instituindo o aluno na construção de suas ideologias. Portanto, o papel do professor é sempre estimular o aluno a buscar o seu próprio conhecimento, como lembra Freire (2007) ensinar não é repassar conhecimentos e sim propor condições para a sua construção.

Logo, essa ciência nos permite usar sua face interdisciplinar para, através de aulas de campo, promover uma oportunidade de disseminar o conhecimento geográfico. Também vale salientar que a aula em campo pode “abater” a dicotomia existente entre a Geografia física e a Geografia humana, uniformizando um entendimento integral da Geografia. Como menciona Serpa “o trabalho de campo é um instrumento chave para a superação dessas ambiguidades, não priorizando nem a análise dos chamados fatores naturais nem dos fatores humanos (ou ‘antrópicos’)” (SERPA, 2006, p. 104). Isto é, observando-se os conceitos de espaço e de tempo, como também de sua interligação à sociedade e à natureza, ou seja, analisando os aspectos físicos e humanos.

Diante do contexto, o objetivo desta presente pesquisa é abordar brevemente a discussão acerca da importância da aula de campo que é uma grande ferramenta didático/pedagógica no processo de ensino/aprendizagem, especificamente da Geografia no ensino fundamental anos iniciais, tendo em vista sua ampla dimensão do espaço e suas relações sociais. Porém, sendo uma grande responsabilidade do professor tornar a aula significativa e contextualizada, articulando os diferentes conhecimentos presentes ao longo da vida social numa base teórica/prática. Em que conforme Kaercher,

Ser professor é um processo ontológico, implica uma maneira de apresentar uma visão de mundo. Não tem como lecionar sem perguntar a si e aos alunos o que queremos e o que fazemos para chegar ao que queremos. Ainda mais o professor de Geografia, que vive a falar do mundo e dos povos, dos outros. (KAERCHER, 2014, p. 24).

Sendo assim, o ensino precisa ser mais democrático, mais dialogado, pois na memória fica o que é útil, o que é significativo. Deste modo, almejando uma educação significativa e transformadora em prol de maiores avanços na sua qualidade e, por conseguinte, na vida dos cidadãos.

## **O ENSINO DA GEOGRAFIA E A AULA DE CAMPO**

A Geografia tornou-se uma ciência no início do século XIX, sendo seu objeto de estudo o espaço, as relações espaciais e, enquanto ciência social, proporciona aos alunos elementos para refletir sobre o meio. Desde sua origem, sempre teve como uma de suas peculiaridades a conexão entre o ser humano e a natureza. Desta forma, os fenômenos da espacialidade devem ser compreendidos em seu todo, onde temos que entender a complexidade de suas interações, seus sujeitos e seus produtos.

Entretanto, com o decorrer dos anos, tanto o ensino como a sociedade vem passando por diversas mudanças, sejam elas econômicas, sociais, culturais ou políticas, refletindo, significativamente, na educação. Portanto, se reconhece a importância da atualização do conhecimento científico e por consequência, na metodologia de ensino.

Logo, a missão de ensinar não é uma tarefa simples, ela envolve, além da compreensão da teoria, o entendimento da prática. Assim sendo, podemos considerar a aula de campo como importante elemento didático complementar às práticas pedagógicas disponíveis ao docente, pois a compreensão que os alunos obtêm no campo é primordial e insubstituível.

Mediante isso, cabe destacar que esse método não pode ser jamais compreendido como um simples passeio, caso contrário pode ocasionar o não cumprimento dos objetivos esperados pela atividade. A mesma deve ser vista como uma atividade investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, atraindo a atenção e o interesse dos estudantes em função da possibilidade de sair da rotina da sala de aula. E, segundo, Oliveira; Assis, tem uma grande utilidade e produtividade no ensino:

no entendimento de que o campo sirva para despertar os alunos da passividade, que o ensino-aprendizagem mais simplista tende a conduzir. Essa compreensão favorece o reconhecimento de aula em campo como instrumento de acesso ao binômio espaço/espacialidade, cujo movimento carrega ao estudante, potenciais pedagógicos de facilitadores da elucidação do mundo pela geografia. Não se trata de uma substituição da sala pela 'rua', mas uma ligação do que é produto/produzido pelo aluno - nas diversas escalas do particular - com o processo de mundialização que o orienta à condição de agir no espaço de diferentes maneiras, ajudando a construir a amplitude da aula, de tal modo a fazê-lo sentir e reagir sobre o seu próprio produto e além dele (OLIVEIRA; ASSIS 2009, p. 198).

Nessa perspectiva, buscamos em Lopes; Pontuschka as bases que dinamizam o processo de ensino e aprendizagem proposta pelo trabalho de campo, no qual

o estudo do meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para os alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente e com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos ((LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

No entanto, essa ferramenta pedagógica ainda enfrenta grandes dificuldades, sendo a falta de recurso o maior fator limitante para que a mesma não ocorra, como transporte, recursos financeiros, entre outros. Mas, em meio a essas dificuldades e limitações mencionadas, cabe ao professor optar por formas mais simples de aplicar tal procedimento, baseando-se em uma perspectiva sem custo, como uma ida até o pátio da escola ou, até mesmo, a locais que possibilitem observações dentro da própria escola ou da cidade.

Lembrando que a sala de aula e os livros também se fazem importantes, visto que ambos se complementam e são essenciais para o ensino; porém, é nítida a necessidade de uma ligação do que é produto/produzido por eles, de tal modo a fazer os alunos sentir e perceber isso.

Assim sendo, os educadores que pretendem embarcar nesta jornada geográfica deve considerar que o conhecimento não habita no objeto ou no sujeito, mas sim na relação entre ambos, como pontua Passini (2007). E, por conta das atribuições feitas à Geografia, é, de fato, uma necessidade para o estudo da mesma, aulas práticas e teóricas, visto que não há forma melhor de aprender e fixar um conhecimento do que através de aulas que inter-relacionem a realidade com a teoria, buscando sempre novos enfoques, vindo a ter uma significativa contribuição pedagógica na formação pessoal e profissional, onde,

na realidade brasileira, embora ainda de uma forma um tanto “nítida”, é a partir da década de 1990 que se buscam novos enfoques e paradigmas para compreender a prática pedagógica e os saberes pedagógicos e epistemológicos relativos ao conteúdo escolar a ser ensinado/aprendido. Neste período inicia-se o desenvolvimento de pesquisas que, considerando a complexidade da prática pedagógica dos saberes e dos docentes, buscam resgatar o papel do professor, destacando a importância de se pensar a formação numa abordagem que vai além da acadêmica, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente (NUNES, 2001, p. 28).

Dessa maneira, se faz vital a articulação do corpo docente rumo a um objetivo único: a melhora significativa do aprendizado e desenvolvimento dos alunos, através da inter-relação teórica/prática, em que a face interdisciplinar dessa ciência a beneficia, no momento em que permite a parceria de duas ou mais disciplinas e docentes, na realização de aulas de campo, promovendo uma oportunidade complexa de aprendizagem.

Sendo assim, aulas práticas possibilitam a compreensão do espaço ao longo do contato direto do aluno com o meio, auxiliando na construção do seu conhecimento, da sua formação. Uma vez que, considerando a complexidade do saber geográfico, o mesmo deve ser desenvolvido na sala de aula e no campo, com o intuito de formar seres indagadores e participativos.

## **A AULA DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO**

Os recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem vêm assumindo um importante destaque devido às exigências cada vez maiores por uma educação de qualidade, que leve em consideração as necessidades dos alunos, a melhor maneira de se aplicar um conteúdo, o melhor método e técnica a ser usado em determinados momentos e o contexto social.

No entanto, fica evidente a indispensabilidade de um ensino/aprendizagem que rompa os paradigmas existentes de aulas monótonas. Com aulas que não sejam

estagnadas, repetitivas, pois as rápidas mudanças desse mundo globalizado passam a exigir profissionais capacitados, inovadores e que tenham uma formação contínua visto que, ao lecionarem uma aula diferenciada, estarão corroborando para um ensino coerente.

Logo, é preciso entender que “se nossas aulas não ajudarem os alunos a repensarem suas práticas e costumes estamos simplesmente falando para as paredes” (KAERCHER, 2014, p. 34). Em razão disso, a aula de campo nas aulas de Geografia é um modo de instigar o pensamento dos alunos a partir de problematizações, os fazendo refletirem sobre a realidade, para, assim, compreenderem os processos e dinâmicas da organização espacial, que os mesmos convivem.

A vista disso, a organização do espaço geográfico precisa ser assimilada tanto por intermédio dos sistemas naturais, como também por meio das ações antrópicas, sendo a aula prática em campo um elemento imprescindível para esta questão, não priorizando nem um, nem o outro, os unindo para o entendimento do todo. E, perante a isso, Passini atenta que “a aula de campo seria um método ativo e interativo, pois o espaço não é fragmentado” (PASSINI, 2007, p. 172-176).

Todavia, ainda de acordo com Cordeiro; Oliveira, permitindo aos alunos o desenvolvimento de amplas habilidades, tais como comparar, ampliar, identificar os elementos, de modo a

contribuir para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas da paisagem do ambiente observado, ampliando os seus horizontes geográficos ao ir além dos textos e das fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e ampliar os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino, comparando-a com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011, p. 3).

Portanto, o contato direto entre o aluno e a realidade estudada contribui na apreensão dos aspectos, proporcionando opiniões críticas sobre os fenômenos observados, principalmente quando se estuda a realidade em que está inserido, o seu cotidiano. Sendo um meio de infinitas possibilidades de pesquisa e investigação. Mas é necessário se ter conhecimentos teóricos para correlacionar os aspectos observados, ou seja, a aula em campo é uma forma dos alunos assimilarem as teorias ministradas na sala, por meio de práticas in loco, pois

como recurso didático, favorece uma participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Favorece, por outro lado, a explicitação de que o conhecimento é uma organização específica de informação, sustentando tanto na materialidade da vida concreta como a partir de teorias organizadas sobre ela. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmo; que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades (BRASIL, 1997, p. 91).

O saber geográfico deve se desenvolvido dentro e fora do ambiente escolar, com o intuito de potencializar uma reflexão por parte dos alunos, no qual, segundo Freire (2007, p. 22), “se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Onde apenas estando em sala de aula com o material didático todo o dinamismo que esta disciplina contém não pode ser conhecido, pois a clareza que obtemos no campo é insubstituível, mas de acordo com Oliveira; Assis (2009), o professor ao retornar sala de aula deve complementar aquilo que no campo passou por despercebido ou ficou mal entendido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante essas diversas dificuldades que existe em dinamizar o ensino/aprendizagem, especificamente da Geografia, a aula de campo é uma das formas que visa auxiliar nesse processo educativo como um recurso pedagógico que instiga os alunos a conhecer o mundo em todas as suas múltiplas faces.

Visto que as aulas de campo proporcionam possibilidades de reflexão sobre a natureza e a sociedade, em um determinado tempo e espaço, é explícita que a própria consiste em uma metodologia de ensino interdisciplinar, objetivando desvendar a complexidade do espaço geográfico, entendendo que o aluno não deve ser um sujeito passivo no ensino, pois ele tem que ser o autor do seu próprio saber, e o professor atua como um fio condutor no desenvolvimento do conhecimento, instigando os alunos e levantando hipóteses e problemas a serem comprovados e discutidos em campo.

Sendo assim, o propósito da educação não é ensinar coisas: é ensinar o aluno a refletir, é incitar a curiosidade de aprender. Portanto, os docentes não devem fornecer respostas prontas, transferir conhecimentos, pois ensinar não é isso, e sim, problematizar os conteúdos, despertando nos alunos o desejo em aprender a aprender. Logo, os professores são apenas mediadores que irão auxiliar os estudantes a desenvolver seus próprios conhecimentos.

No entanto, conclui-se que é possível utilizar novos procedimentos com um enfoque mais específico no que diz respeito ao conteúdo e à didática em atendimento à particularidade do alunado, inclusive, nas aulas em campo. Deste modo, cabe aos docentes criar e inserir novas formas de ensinar e adaptar sua prática à realidade dos alunos, os proporcionando elementos e condições para que possam refletir e ser transformadores de seu próprio espaço, de forma consciente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2. ed. Brasília, 1997. 166 p.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

KAERCHER, N. A. A geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo... serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos. In: FARIAS, P. S. C.; OLIVEIRA, M. M. de (Org.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUEFCG, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**, São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, 2009.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação dos professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e sociedade**, n.74, p. 28 abril. 2001.

OLIVEIRA, C. D. M. de; ASSIS, R. J. S. de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa (USP Impresso)**, v. 35, p. 195-209, 2009.

OLIVEIRA, P. C. de; SILVA, R. M. de S. Didática e o ensino da Geografia: características do processo de ensino. **Anais do CONEDU**. Recife: Editora Realize, 2018.

PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SERPA, Â. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, jul./2006.